

PROJETO ALEGORIAS DO FUTURO

programa 13

CORDIALIDADE E CONFLITO

Vladimir Safatle [Filósofo]

O que aconteceu na situação brasileira? Como que essa crise foi, foi gerada? Como é que foi possível um país que há cinco anos atrás era, era visto no mundo inteiro, certo, como a, a, a potencial quinta economia do mundo, certo, e não era só uma coisa de, de discurso oficial do Estado era... Você via na imprensa internacional inteiro, em to... Ou, ou imprensa internacional é demente, completamente demente, é incapaz de analisar uma planilha, certo, ou de fato alguma coisa ocorreu e aí vale a pena se perguntar o que, porque você, você lem... Lembra, quer dizer, existia um sistema de expectativas, quer dizer, e, e isso não era uma brincadeira porque isso é o elemento fundamental de direcionamento de investimento mundial, entendeu, ninguém vai sair com, com uma aná... Banco Mundial não vai sair com uma análise assim simplesmente porque, sei lá, tem, tem, tem algum esquerdista infiltrado para poder insuflar um pouco o gove... O, o finado governo do Lula, você percebe? Você tinha uma dinâmica, por que que essa dinâmica não, não teve fôlego?

Luiz Antônio Simas [Historiador]

Do ponto de vista institucional o Brasil é um país que deu certo: “Ah, por que que do ponto de vista institucional deu certo?”, porque foi projetado para ser isso que é, né, o Brasil foi projetado para ser um país excludente, para ser um país que concentra o exercício formal do poder nas mãos de poucos, né, para ser um país concentrador da propriedade, para ser um país concentrador de renda, para ser um país que não pensou um projeto de inclusão pela educação a não ser, né, em raros momentos de sua história e mesmo assim isso não avança. Então o Brasil como projeto é um projeto bem-sucedido.

João Cezar de Castro Rocha [Ensaísta]

Agora, o que dizer da nação Brasil que nunca foi, que nunca se formou, que não tem condições de se estabelecer? Até 1888 o país Brasil tem condições de se desenvolver porque aproximadamente metade da população não tem sequer o estatuto de sujeito, são os escravos, são os escravos, e a riqueza brasileira pode se desenvolver porque ela nunca é redistribuída. Ocorre a abolição da escravatura, no ano seguinte a Proclamação da República, isso é da coisa pública, isso é de uma sociedade que em tese defende que todos sejam iguais. Ora, a primeira Constituição da República estabelece algo espantoso, apenas aque... Só podem votar os que são alfabetizados. Ora, se no ano anterior a escravidão terminou então, simplesmente o Brasil conseguiu a proeza de inaugurar uma república que faz uma clivagem social, que estabelece uma hierarquia intransponível pela educação, mas por definição toda experiência republicana é uma experiência educacional, é uma experiência de inclusão das massas através da educação. A República no Brasil se estabelece pela exclusão dos ex escravos pela educação. O país Brasil é muito bem-sucedido, continua sendo muito bem-sucedido, o que nós ainda não conseguimos realmente formar é a nação Brasil.

Danilo Marcondes [Filósofo]

Faltou talvez na... No, no nosso momento histórico brasileiro esse momento que você para e diz: “O que que a gente quer”, e você vai ter que ter algum tipo de pensamento, de trabalho conjunto, de consenso, de seja lá do que for que vá discutir o que a gente quer. A gente... Acho que a gente não teve isso no... Na Independência, eu acho que a gente não teve isso na, na criação da República e eu acho que a gente não teve isso mais recentemente com, com o fim do Governo Militar. Ali havia... Você tinha uma chance por excelência disso, né, desmoronou um projeto autoritário e você tinha uma chance de discutir melhor o que que a gente quer, né, e no entanto não deu porque Tancredo morreu, porque veio o Sarney, porque não o que mais e essas lideranças eram muito sem projeto, era muito do imediatismo, do dia a dia em que mais uma vez pre... Preservou o conchavo, preservou essa conciliação, preservou privilégios, que no fundo você está preservando privilégio de uma classe dominante que é muito... Tem um pensamento do Brasil muito arcaico, né, muito predadora e muito temerosa de, de mínimas concessões que possam ameaçar essa... Esse domínio.

Arno Wehling [Historiador]

Logo no início do 2º Reinado quando ainda é como herança do Período Regencial há uma série de conflitos que ameaçaram inclusive a integração nacional, a integridade nacional, e depois disso ocorre uma grande composição que é o governo da conciliação em que conservadores e liberais se entendem em torno da liderança do Marquês do Paraná e fazem uma... Um governo que se chamaria de União Nacional. Se atribui ao Marquês do Paraná, exatamente o chefe do Gabinete da Conciliação, a seguinte observação: “No Brasil, em política o grande problema não está nos adversários está em a... Atender aos amigos”, então acho que isso é, é bem típico dessa ideia de conciliação até o... Os extremos do clientelismo que é isso que está significando.

Daiara Tukano [Direitos Humanos]

O Império acaba também sem revolução nenhuma do povo, né, mas sempre através das elites as formações. Esse país é muito é... Diferentão assim, onde a Democracia ela sempre se construiu através do poder e nunca do povo, né. As mudanças radicais da nossa sociedade elas são extremamente elitizadas, você vê realmente um Brasil piramidal.

Luiz Antônio Simas [Historiador]

O Brasil é um país em que um português faz a Independência, um monarquista proclama a República, né, um oligarca lidera uma revolução contra as oligarquias, um ministro da Ditadura do Estado Novo é o presidente da redemocratização quando acaba o Estado Novo, né, um presidente do partido que apoiou a Ditadura Militar foi o presidente da redemocratização brasileira. Então o Brasil é um oxímoro ambulante, né, porque à rigor o que que acontece? A nossa elite também ela é uma elite com uma capacidade de adaptação impactante.

Danilo Marcondes [Filósofo]

O Governo Militar brasileiro teve características muito interessantes. Foi criado um Congresso com uma... Com bipartidarismo totalmente artificial, né, que tinha uma oposição consentida, uma po... Oposição tolerada que era o que foi o antigo PMDB, aliás, o antigo MDB. Eu acho que aí você criou nesse partido essa, essa ótica de que ele serve ao poder indiretamente, né, ele não ocupa o poder nunca vai poder ser o presidente, nunca vai poder ser nada mas ele está lá participando, ganhando benesses

como uma forma dele sobreviver. Ele se tornou sempre um partido herdeiro daquela, daquela coisa corrupta que foi ser uma oposição consentida.

Marcos Nobre [Filósofo]

O peemedebismo ele tem uma característica que é ser a forma democrática do conservadorismo brasileiro, então ele está ligado a essas figuras pretéritas que a gente chama de coronelismo, que a gente chama de patrimonialismo, que a gente chama de cordialidade, enfim, todas essas figuras pretéritas do conservadorismo.

Vladimir Safatle [Filósofo]

Qual foi a base da Nova República? Foi um modelo de pacto de coalisão no qual você absorvia um setor da Ditadura para dentro do governo, então você governava com eles, e é óbvio, governar com eles significa absorver as suas práticas, absorver as suas técnicas, de gestão, absorver sua lógica de funcionamento, absorver seus processos de corrupção, quer dizer, tudo isso entrou para dentro, desde o início, desde o início, né. É, é importante entender como o... A, a nossa derrota vem do fim da Ditadura, ela estourou agora mas era uma bomba de efeito retardado, era uma bomba-relógio, ela ia estourar, né, quer dizer, e foi isso que aconteceu, entendeu. Ela estourou por que? Porque não, não se cria um novo momento histórico com esses modelos de conciliação, não se cria com essa ideia de governabilidade.

Marcos Nobre [Filósofo]

Uma das características mais importantes dos mitos é que eles se tornam verdadeiros a partir do momento que as pessoas começam a acreditar neles. Então, o mito da governabilidade nasceu do impeachment de Fernando Collor, né, que a partir daquele momento a, a... O sistema político entrou em pânico, falou: “Olha, se as pessoas saem na rua e derrubam o presidente imagina um vereador!”, né! Então o sistema político tinha que criar uma maneira de se defender, tinha que criar uma maneira de se proteger e foi criado então esse mito da governabilidade, ou seja, a ideia de que você não precisa apenas de uma maioria para governar você precisa de uma supermaioria, porque não seria perfeitamente viável nós termos um governo que tem uma maioria apertada mas que é muito mais aguerrido, muito mais homogêneo na sua base como projeto, uma aliança muito mais coesa, né, e que de fato você tenha

enfrentamento, porque o que o peemedebismo faz é colocar uma espécie de, de buffer, uma espécie de contenção, né, uma... Para o conflito.

Danilo Marcondes [Filósofo]

A nossa crise é fruto da... Dessa... Do chamado presidencialismo de coalisão, fruto de problemas advindos da Constituição de 1988 que geraram o impeachment do Collor, porque o Collor não tinha base parlamentar, e que geraram o impeachment da Dilma quando se rompeu a aliança PT/PMDB, né, por vários motivos, mas rompeu aí. Então, claro: “Ah bom, houve corrupção houve golpe”, houve tudo isso, tudo bem, podemos falar nisso tudo, mas acho que a gente tem que ter uma visão um pouco mais a longo prazo para entender a, a nossa formação política que eu acho que está numa grande crise hoje, né, que, que nos causa um absoluto... Uma perplexidade e uma, e uma... E, e quase que uma repugnância sobre o Congresso, né, é todo mundo corrupto, é todo mundo incompetente. Isso é muito perigoso porque você perde o mecanismo institucional da política, como é que você faz política sem Congresso, sem, sem representação institucional!

Vladimir Safatle [Filósofo]

Brasil quando funciona, ele funciona através de uma espécie de polaridade, né, na qual você tem uma figura, uma espécie de significante vazio que para a qual converge demandas contraditórias. Lembra o que que era o Ministério Lula né, Ministério... Veja, ele transpôs para dentro do Estado todos os conflitos da sociedade. Então, por exemplo, o conflito... Os conflitos entre os... Os economistas desenvolvimentistas pró-keynesianos e os, e os, e os, e os economistas ortodoxos, né, monetários liberais, era um conflito entre o Banco Central e o Ministério do Planejamento, Banco Central com, com o Sr. Meirelles, Ministério do Planejamento Guido Mantega. Os con... Conflito entre os ambientalistas e os defensores do agronegócio, e o conflito do Ministério do, do Meio Ambiente, né, na época da Marina Silva e o Ministério da Agricultura, conflito entre os defensores dos Direitos Humanos e as Forças Armadas era um conflito da Secretaria Nacional dos Direitos Humanos e o Ministério da Defesa, seja, a gente transpôs para o Estado todos os conflitos sociais e ele esperava de uma certa maneira ser uma espécie de mediador universal, ele deixava o conflito explodir, via o resultado, dava uma compensação simbólica para o perdedor, normalmente era a esquerda que perdia, né, falava: “Não, olha, mais à frente a gente,

gente vai te ouvir, né”, e esse mais à frente não chegou. Então você vai criando uma... Um sistema de frustração que chega uma hora que explode, né, chega uma hora que você já não tem mais, mais coesão, né, você não consegue mais criar nenhum tipo de coesão. Isso si... Significa o que? Veja, o que a Nova República conseguiu fazer foi no máximo, no máximo, certo, a repetição de uma estrutura populista.

Pedro Meira Monteiro [Escritor e ensaísta]

Como a nação é, é o, é o reino também do homem cordial, quer dizer, a metáfora, a metáfora tenta ajudar a entender um pouco esse universo do favor, esse universo da, da, da escuta, não é, privada. Portanto, a escuta privada pode ser pensada, eu acho, que com uma... Com a cena clássica, eu saio, né, num cantinho e ali eu resolvo. Isso pode ser a cena mais macabra, né, quer dizer, digamos que um presidente de uma república qualquer no sul do mundo desça aos porões do Planalto para, para... Ou da sua casa, da Alvorada para, para conversar com alguém e aí vai ser gravado. Quer dizer, isso é um universo de, de acomodações no sentido ético mais, mais baixo. O Lula com a sua capacidade de negociação faz, quer dizer, para alguns vai ser de fato rifar, não é, uma série de princípios ideológicos ou políticos que não poderiam ser vendidos, não poderiam ser negociados são inegociáveis e irredutíveis enquanto para outros vai ser, aquilo vai ser a viabilização, não é, de um projeto daquilo que alguns sociólogos, alguns, alguns teóricos contemporâneos vão chamar de reformismo. A cada dia ele repete: “Nunca os banqueiros ganharam tanto como no meu governo”, por que isso? Quer dizer, que temor é esse de dizer: “Olha, eu, eu...”, que, que necessidade é essa de dizer: “Olha, eu não, eu não sou radical”, quer dizer: “Eu não sou aquele que quebra o pacto”. Quer dizer, como é, como... Ao mesmo tempo é muito contraditório, é muito ambíguo e ao mesmo tempo o sujeito que de fato, não é, conseguiu ir além, digamos assim, de um, de um, de um pacto oligárquico sem romper com ele.

Francisco Bosco [Ensaísta e crítico da cultura]

Na historiografia brasileira costuma-se confundir a ausência de violência, massacres, revoltas, tudo isso nós tivemos, com a ausência de uma grande revolução coletiva, isso nós não tivemos. Ora, revoluções são momentos terríveis, toda geração pode se considerar aliviada por não precisar passar por uma, por outro lado a ausência delas condena a sociedade a uma repetição sintomática e estéril da violência. No momento em que a gente está conversando o Brasil passa por uma tentativa de

saneamento institucional. A Lava Jato transformou o Brasil numa espécie de Casa Verde de Machado de Assis, em nome da justiça produzem-se injustiças. Justiça e injustiça deslizam como numa Banda de Moebius, nós nunca sabemos onde começa uma e termina a outra. O sistema político inteiro do Brasil está com a bunda exposta na janela, mas o que fazer quando a sujeira é total, quando todos estão sujos? Alguém apostaria numa profunda purificação das instituições brasileiras ou será que parece mais provável que o suposto gigante apenas tenha acordado com fome vai se saciar com uma pizza monumental e voltar ao seu sono histórico repleto de pesadelos?

Vladimir Safatle [Filósofo]

A história do Brasil é uma história de uma população de... Que é responsável por revoltas enormes e constantes, né. A história brasileira é uma história de revolta popular, Sabinada, Cabanada contestado, Cabanagem contestado, a Marcha Prestes, a Revolução Tenentista, os anos 50 e 60 as milhares de mo... Mobilizações populares, as greves gerais dos anos 80, as greves dos... Do final dos anos 70 no ABC, ou seja, você vai ver uma história ao contrário, uma história de uma população em, em consciência muito clara, certo, do seu descontentamento com o que é oferecido enquanto da possibilidade da vida social brasileira.

Heloísa Starling [Historiadora]

A Conjuração Mineira parece na história do Brasil como a primeira vez que o Brasil, que não o Brasil, mas que se pensou em romper com Portugal, foi uma capitania, Minas, propôs romper com Portugal. A gente se esquece que em 1711 a sedição de Olinda propôs romper com Portugal, é a primeira grande Conjuração se a gente quiser pensar do Brasil anterior à Conjuração Mineira, né. A Revolução Pernambucana de 17 ela é uma revolução republicana federalista com projeto completamente diferente de Brasil, né, e essa revolução depois vai dar em 24 na Confederação do Equador. Então repara, essa ideia, esse Brasil que, que se forma no... Em torno do Rio de Janeiro ele se forma à custa de muita guerra e de muita luta

Fred Coelho [Historiador]

Que a história brasileira recalca, impede a circulação de uma série de eventos de revoltas populares que também transformou em senso comum em clichê, esse sim

prejudicial, de que o brasileiro é um povo pacífico e apático. Isso é uma mentira na história brasileira.

Thula Pires [Direito Constitucional]

Não há uma resistência negra le... Negro não luta por liberdade, negro não luta por democracia nesse país, negro não disputa po... Projeto de Estado, projeto de nação nesse país? Sempre fizemos isso, né, mas tem aí uma escolha, um filtro que determina a partir de uma régua que não é nossa que não dá conta de outras tantas formas de resistência como o banzo, quanto o infanticídio que muitas escravas fizeram em relação aos seus filhos. Isso é um ato de luta e de amor extremo, extremo. Mas nada disso é visto como resistência, nada disso é visto como luta.

Manolo Florentino [Historiador]

Você pode insistir nas fugas, nas revoltas, nas formações de quilombos, mas estudos mais sistemáticos mostram o seguinte, fugia-se pouco, os quilombos não são frequentes como se diz. Isso significa que a resistência ao cativo ela se dá dentro da própria escravidão. Por exemplo, com a constituição de juntas que fazem verdadeiros consórcios para as pessoas comprarem a liberdade com fugas reivindicativas que visam melhorar a qualidade de vida dessas pessoas, com as alforrias, a formação de pecúlio que permite as pessoas comprarem, né, a sua liberdade. Então, pensar numa sociedade simplesmente cindida ou polarizada entre, por um lado liberdade e por outro lado cativo, aparentemente não dá conta da multiplicidade de arranjos que existem entre essas duas... Esses dois extremos.

Giovana Xavier [Historiadora]

No quão de resistência é se cons... Conseguir constituir uma família de pessoas escravizadas, você ter a sua própria roça e, e conseguir o direito de colher dessa roça no domingo que é o teu dia de folga, né, a gente não para para pensar nessas coisas como resistência, a gente para para pensar em... Nisso como pilares da escravidão, mas na verdade são as pessoas dizendo: “Nós também somos humanos e estamos aqui disputando humanidade”. Po, família escrava eu acho assim um negócio! Você pode ser vendido a qualquer momento não é uma viagem minha é real, você pode ser vendido e você mantém aquilo ali.

Thula Pires [Direito Constitucional]

A gente tem uma série de outras lutas e insurgências populares brasileiras que não nos são apresentadas enquanto lutas e insurgências populares negras e foram, foram! Sabinada, Balaiada, a gente tem uma série de outra, né Conselhe... A gente tem uma série de outras insurgências populares que aconteceram no Brasil que são predominantemente negras, que têm todo um processo de agenciamento de resistência negra e que não nos são contadas nesses termos.

Ynaê Lopes dos Santos [Historiadora]

Canudos, o que que foi Canudos? Um grande arranjo que parte da população fez numa situação de precariedade de pobreza absurda vinculada vinculados, claro, com um... Uma questão religiosa que que o Estado nacional brasileiro não teve dúvida do que fazer, matou todo mundo que podia matar e depois transformou o lugar numa represa para não ter nem memória sobre aquilo!

João Cezar de Castro Rocha [Ensaísta]

O que nós precisamos nesse país hoje é de confronto, confronto de ideias, confronto de posições, nós precisamos gerar novas polêmicas, originar novos pensamento, nós precisamos dizer com todas as palavras que o modelo do país Brasil que ignora e que pela sua ação muitas vezes impede a imergência da nação Brasil chegou ao seu limite máximo, porque desde 1922 nós continuamos dizendo que nós somos alegres, que nós somos antropofágicos, que nós somos macunaímicos, que nós somos carnavalescos. Ora, por que então que a festa, porque que em lugar da festa o que domina o nosso cotidiano é a violência? 2013 principiou em São Paulo com uma manifestação pelo aumento dos 20 centavos. Muito rapidamente essa simultaneidade entre ato, uma pequena manifestação, transmissão, a repressão policial, interpretação, essa simultaneidade produziu e produz contaz mimético, muito em breve todos saíram à rua em várias cidades e uma característica dessa movimentação que tem escala planetária é a ausência de uma orientação clara. Quando alguns partidos políticos tentaram ca... Cooptar o movimento ou tentaram de alguma forma tomar partido ao aproveitar aquela, aquela movimentação todos os partidos não foi um partido só, nenhuma bandeira de partido pode ser levantada. Então se nós pensarmos numa

especificidade brasileira de 2013 não está na grande capacidade mobilizadora das redes sociais está numa recusa decidida da política.

Francisco Bosco [Ensaísta e crítico da cultura]

Entrou uma novidade ou voltou de uma maneira muito mais intensa e sistemática que são as lutas identitárias um outro fator importante que é... Que foi a consolidação das redes sociais digitais como um, um meio de manifestação política mais democrático porque são canais de autorregulação, né, então tudo isso somado eu diria que, que o que está acontecendo hoje é uma sociedade que não se reconhece mais na tradição cordial acomodatória e sim numa tentativa de enfrentamento, de explicitação sistemática de simplesmente todos os conflitos.

Vladimir Safatle [Filósofo]

De fato e... Existe uma simularidade da... Desse momento histórico brasileiro, né, e eu acho que essa simularidade vem do fato de que durante décadas a história brasileira esperou um governo de esquerda, esse governo entrou em colapso, ele entrou em um colapso absolutamente inacreditável, certo, criando uma situação na qual, veja, nós estamos hoje numa situação pior do que nós estávamos antes do, do... Dos governos de esquerda, ou seja, nós estamos numa situação onde nós perdemos coisas que antes nós tínhamos garantido, né. Então, esse colapso que foi inclusive resultado de um fato de... Chegou um momento onde você não tinha mais imaginação política alguma e a única coisa que a esquerda brasileira fazia era também fazer circular o discurso do medo, era também dizer: “Olha, tudo bem vocês não gostam muito da gente mas se a gente sair vai ser pior”, né. Então, quer dizer, você cria uma situação na qual ninguém mais tem expectativa de nada, entendeu, então você tem uma espécie de blo... Os atores políticos brasileiros eles, eles envelheceram, eles não se renovaram, eles não foram capazes de abrir novas portas e esse envelhecimento foi dramático, e pela primeira vez na história brasileira você tem uma espécie de colapso dos atores do poder sem nenhum outro ator em emergência.

Thula Pires [Direito Constitucional]

Cordialidade, patrimonialismo, jeitinho, a gente tem uma série de nomes, né, que foram usados para pensar esses lugares, mas nenhum desses nomes nos possibilitou

enxergar o quanto que todas essas arregimentações são produzidas nos momentos históricos e políticos, onde os privilégios são em alguma medida interpelados.

João Cezar de Castro Rocha [Ensaísta]

Por exemplo, 1954, com o assédio ao Getúlio Vargas por um conjunto de políticas do Getúlio Vargas que eram políticas inclusivas. 1964, momento definitivo, momento que entre a... Ante, ante a possibilidade de reformas estruturais que ainda hoje, 2017, não foram feitas há um golpe militar. Hoje, vivemos talvez o período de maior retrocesso da história brasileira, nunca na história do Brasil nós poderíamos imaginar, há cinco, dez anos atrás, que nós teríamos a revogação da CLT que nós todos sabemos que precisa ser modernizada, mas modernização é uma coisa, entregar a sorte do trabalhador à sanha do empresariado no Brasil é uma loucura. De novo, nós vivemos no Brasil nos últimos dez anos uma... Um choque entre inclusão e permanência de privilégios.

Vladimir Safatle [Filósofo]

Não acredito que a população brasileira mais uma... Para finalizar, ela esteja letárgica, ao contrário, eu vejo uma sociedade em ebulição constante, né, em manifestações em todos os lugares só que, mais uma vez, a, a mu... A mu... As manifestações constantes elas não necessariamente elas, elas vão desembocar num processo de transformação. A questão é esse é o... Esse processo, quer dizer, você tem, você tem insurreição sem emergência, você tem uma insurreição da parte da população brasileira muito forte, mas ela não está conseguindo fazer emergir o sujeito... Esse processo precisa ser pensado.